

vago mar

sementes líricas de

romeu d'aguiar



© Vago mar: sementes líricas de Romeu D'Aguiar
2015

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem autorização por escrito do autor.

Projeto gráfico, editoração eletrônica:

Abilio Pacheco & Deurilene Sousa

Capa:

Detalhe de fotografia retirada por

Abilio Pacheco

e trabalhada em tons de cinza por

Mauricio Antonio V. Duarte

Revisão: xxxxxx e Abilio Pacheco.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Aguiar, Romeu Antonio de. Vago mar: sementes líricas de. Belém: LiteraCidade, 2015.

p. 32

ISBN 978-85-5552-xxx-x

1. Literatura Brasileira. 2. xxxxxxxx. 3. Poemas. I. xxxxxxxxxxxx. II. Título.

CDD: 869.80981

LITERACIDADE

CNPJ: 12.757.748/0001-12 Ins. Est. 15.317.340-8

editoraliteracidade@uol.com.br

www.literacidade.com.br

*“O mar... pescador quando sai
Nunca sabe se volta, nem sabe se fica”*
Dorival Caymmi

* * *

Ao mar que me deu vida,
me dá versos e motivos
para viver e versejar.

* * *

Dedico estas semestres líricas
a Eugênia e ao canto lírico
que só ela sabe cantar

página reservada para editora

acrescentar uma observação geral sobre a coleção bem como a lista de títulos e autores da primera versão da mesma

Sementes líricas de Romeu D'Aguiar

por Airton Souza

Definir é sempre uma margem perigosa para ser atravessada. Não há cautela que resista/persista. Mas, se por acaso tivesse um termo definidor da lírica de Romeu de Aguiar presente aqui nos versos que seguem, defini-la-ia como (EN)cantadora. Romeu de Aguiar tem consciência ao escolher as palavras de compor sua poética. Adequando uma a outra... (rota rôta) (velas velhas) (casco gasto). Acasalando imagens que não dispersam a unidade. A linguagem nesses versos que são uno, marcada pelos signos-conjuntos, possui uma sonoridade tão marcante, que mesmo sem instrumentalização, só com a leitura podemos escutar os acordes tilintando a magia lírica presente em cada palavra. Não há outra maneira de sentir/viver o eco e as imagens dos poemas de Romeu de Aguiar , há não ser indo além...

Definir é sempre uma margem perigosa para ser atravessada. Não há cautela que resista/persista. Mas, se por acaso tivesse um termo definidor da lírica de Romeu de Aguiar presente aqui nos versos que seguem, defini-la-ia como (EN)cantadora. Romeu de Aguiar tem consciência ao escolher as palavras de compor sua poética. Adequando uma a outra... (rota rôta) (velas velhas) (casco gasto). Acasalando imagens que não dispersam a unidade. A linguagem nesses versos que são uno, marcada pelos signos-conjuntos, possui uma sonoridade tão marcante, que mesmo sem instrumentalização, só com a leitura podemos escutar os acordes tilintando a magia lírica presente em cada palavra. Não há outra maneira de sentir/viver o eco e as imagens dos poemas de Romeu de Aguiar , há não ser indo além...

Airton Souza - poeta, escritor e professor

sem título

Meu coração é um mar,
que esconde ilhas
mal conhecidas;
de altas vagas mudas
e ondas mortas
nos arrecifes.

Navegá-lo é preciso,
porém, se a quilha cega,
o leme incerto,
a rota rôta,
as velas velhas,
o casco gasto
e avariado, tens,
és caravela
nafragada nau
em outros mares
antes de mim.

sem título

Vens, minha cara, a passos calmos
trazer o perfume das praias
onde há sol a valer, tens
como a quilha singra o mar.

Vens com o pé a cuidado,
pois os recifes pontiagudos
estão a cortar as encostas
como a quilha singra o mar.

Vens, minha cara, tens,
pois estou canso de esperar
e a saudade me sangra o peito
como a quilha singra o mar.

sem título

À noite, não fossem
a lua e as estrelas,
quando não as nuvens,
sentir-me-ia tão só.

Horas de silêncio soturno.
Horas de quietude medonha.
Horas de frio horrendo.
Horas de horrendas cores.
Horas em que, no porto,
embaladas pelas marolas,
as caravelas nuas dormem reunidas todas:
rotas nulas, velas baixas, leme estático.

Sinto à pele a falta de luz, de sol, de calor, de agitação.
Há em mim uma necessidade imensa de sentir
águas despedaçarem-se nas encostas,
quilhas quebrarem vagas,
velas inflarem-se ao vento,
caravelas navegarem canoras.

sem título

À amplidão da lembrança
partias do cais do porto
embarcação à deriva
quase adejante
sob sol e lua

Tormentas, virações,
tempestades turbulentas.

Caravela Tinamene
nafragada musa
de sonhos soçobrados
com olhos reluzentes
em marejadas horas
que ofuscam meu olhar.

sem título

Temo as embarcações futuras,
as embarcações presentes
e suas navegações.

Por isso recuso-as todas,
nego-as, rejeito-as,
a bradar colérico:

Não aos barcos a motor;
Não às voadeiras;
Não aos porta-aviões,
aos transatlânticos,
aos titanics,
aos beaut mouche;
Não às TV's a cabo,
aos telefones celulares,
às transmissões via satélite;
Não à INTERNET,
não ao acesso ao
pseudoconhecimento
engarrafado via on-line.

Prefiro as jangadas,
os saveiros, os veleiros,
as caravelas.

Prefiro as barcabelas de Garrett,
as navegações heteronímicas pessoas,
o barco de Saramago que virou ilha,
as armas e os barões assinalados
na praia lusitana por Luís de Camões...

sem título

O velho saveiro
Por mares e mares
navegou.

Suas velas, seu leme
Tão firmes,
navegou.

Sua quilha singrando
As águas,
navegou.

Por dias e dias
Sem avarias,
navegou.

Cortando as ondas
Das vagas,
navegou.

Atóis entre sóis
Arrebóis,
navegou.

Rasgando o casco
Em finos recifes letais
Navegou...

sem título

Hoje as águas tão ledas e lúgubres estão
que há lá no fundo um estremecimento mudo,

Porque a calma das vagas me dá um terror,
um suspense, uma agonia,
tão grande que o menor sopro dos ventos à vela
é forte o suficiente para arrancarem minh'alma do sono.

sem título

Pela imensidão desse mar,
Se tanto navegaste, minha cara
E ainda tens a quilha a fio?
O leme a prumo? A vela intata?...

Ah! Minha caravela Perfeição
Bem estais a saber que não te quero
Busco uma forma de naufragar
E fazer meu sangue tingir estas praias.

sem título

Todos os saveiros dispostos
Estão a bailar um fado
Nas encostas à beira-mar.

E as marolas melodias
São minhas melancolias
Dos tempos de alto mar.

Dispersão

Águas – sangue flúvio – minhas veias. Dor.
Se queres minha cara vê-las tanto,
Disponhas amargas gotas de pranto
Em cálices de vinho ou de licor,

Corte-me a quilha o pulso com furor.
Sangue – águas flúvias – sofrido canto
Soçobrado em vagas de desencanto
E dissipado em ressecante calor.

Águas – pluvioso sangue emergente
Em que me navegas: casco avariado,
Rota e leme incertos, vela silente.

E encontras arrecifes, nau imersa!
Nuvem carregada. Sangue coalhado.
Choro! águas em pranto; alma dispersa.

ÍNDICE

prefácio	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX
poema	XX

Livro impresso em Perpetua, em papel ap 75 gr/m²,
para a Editora LiteraCidade em 2015.

Não é mais um livro somente, mas um livro - semente.